


**A Casa de Farinha do Povoado Terreirão, Muniz Ferreira, Bahia: a informação étnico-racial e a memória em comunidade**

**Eva Dayane Jesus dos Santos**

Mestranda em Ciência da Informação  
Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0002-2011-2961> E-mail: evabibliotecaria@gmail.com

**Zeny Duarte de Miranda**

Doutora em Letras  
Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0003-0365-6905> E-mail: zenydu@gmail.com

Submetido em: 07-01-2022      Reapresentado em: 12-04-2022      Aceito em: 30-04-2022

**RESUMO**

Este trabalho é resultado parcial da produção da dissertação sobre a informação e a memória social da Casa de Farinha no povoado Terreirão em Muniz Ferreira, Bahia. Logo, este trabalho se justifica por possibilitar a ampliação do conhecimento sobre as trajetórias e narrativas afro-indígenas, e pela compreensão de que há uma necessidade científica na área, de ampliar o entendimento a respeito de comunidades étnico-raciais, uma vez que é necessário o combate contra o racismo estrutural, institucional e científico que tem produzido esquecimentos e apagamentos sobre essas histórias. Outrossim, nosso problema é saber: Quais elementos informacionais podemos identificar na Casa de Farinha, considerando as influências étnico-raciais (indígenas e africanas)? Assim, o objetivo geral é identificar os elementos informacionais do lugar, através da Casa de Farinha. Os objetivos específicos são: registrar as narrativas sobre a origem do Povoado Terreirão; apresentar os elementos informacionais desenvolvidos na Casa de Farinha do Povoado Terreirão; relatar a formação territorial do lugar no contexto do Recôncavo Baiano e do município de Muniz Ferreira; e apontar as informações documentais sobre o lugar. A metodologia utilizada é de abordagem descritiva e qualitativa.

Utilizou-se métodos da etnometodologia, da pesquisa exploratória e do estudo de caso. As técnicas e procedimentos adotados foram: visita de campo, diário de campo, entrevistas, observação direta e participante, pesquisa bibliográfica e documental. Tem como resultados parciais as narrativas sobre a formação territorial do lugar e a apresentação dos elementos informacionais que representam a informação étnico-raciais observados *in loco*.

**Palavras-chave:** Casa de Farinha; Povoado Terreirão; informação étnico-racial; memória.

### **The Casa de Farinha of Village Terreirão, Muniz Ferreira, Bahia: information and ethnic-racial memory in community**

#### **ABSTRACT**

This work is a partial result of the production of the dissertation on information and social memory of Casa de flour in Terreirão village in Muniz Ferreira, Bahia. Therefore, this work is justified by enabling the expansion of knowledge about afro-indigenous trajectories and narratives, and by the understanding that there is a scientific need in the area, to expand the understanding of ethnic-racial communities, since it is necessary to fight against structural, institutional and scientific racism that has produced oblivion and erasure of these stories. Furthermore, our problem is to know: What informational elements can we identify in the Casa de flour, considering the ethnic-racial influences (indigenous and African)? Thus, the general objective is to identify the informational elements of the place, through the Casa de farinha. The specific objectives are: to record the narratives about the origin of Povoado Terreirão; present the informational elements developed at the Casa de farinha do Povoado Terreirão; report the territorial formation of the place in the context of the Recôncavo Baiano and the municipality of Muniz Ferreira; and point out the documentary information about the place. The methodology used is descriptive and qualitative. Methods of ethnomethodology, exploratory research and case study were used. The techniques and procedures adopted were field visit, field diary, interviews, direct and participant observation, bibliographic and documentary research. Its partial results are the narratives about the territorial formation of the place and the presentation of informational elements that represent the ethnic-racial information observed in locu.

**Keywords:** Casa de Farinha; Terreirão Village; ethnic-racial information; memory.

## **1 INTRODUÇÃO**

O presente trabalho busca apresentar a pesquisa de mestrado em andamento realizado no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). A referida pesquisa visa reunir na escrita monográfica as lembranças, ou seja, as informações e os fragmentos de memórias materializadas na Casa de Farinha do

Povoado Terreirão, Muniz Ferreira, Bahia. Nesse sentido a pergunta norteadora do trabalho é: Quais elementos informacionais podemos identificar na Casa de Farinha, considerando as influências étnico-raciais (indígenas e africanas)?

Logo, o objetivo geral do trabalho é identificar os elementos informacionais no Povoado do Terreirão, através da Casa de Farinha, enquanto local de produção de informação e memória étnicas sobre o lugar. Os objetivos específicos são: registrar as narrativas sobre a origem do Povoado Terreirão, lugar de produção de informação e memórias sobre Casa de Farinha; apresentar os elementos informacionais desenvolvidos na Casa de Farinha do Povoado Terreirão; relatar a formação do povoado Terreirão no contexto do Recôncavo Baiano e do município de Muniz Ferreira; e apontar as informações documentais sobre o povoado Terreirão.

O povoado do Terreirão está localizado no município de Muniz Ferreira, no Território do Recôncavo da Bahia (TI Recôncavo). É um local de significativa importância histórica e cultural, no entanto, o legado da comunidade é uma história ainda porvir. O lugar revela através das narrativas dos moradores as trajetórias da população afro-indígenas na sociedade Muniz Ferreirense e baiana. O trabalho se justifica primeiramente por possibilitar ampliar meu conhecimento acerca de trajetórias e narrativas afro-indígenas que me forjaram enquanto pessoa, ao mesmo tempo que preenche um vazio mal compreendido acerca de experiências étnicas que me atravessam. Também por possibilitar não só o Povoado Terreirão, mas também a sociedade de Muniz Ferreira e Bahia, o acesso à informação de pessoas com ascendência indígenas e africana, no Recôncavo baiano, bem como, compreender a construção de conhecimento que reverbera na construção de identidades.

Na área científica, se justifica pela compreensão de que há uma necessidade profissional de ampliar o entendimento da atuação do bibliotecário quanto ao registro e organização da memória, no contexto de comunidades étnicas-raciais, sobretudo no combate ao racismo estrutural e institucional que produz esquecimentos e apagamentos da história dessas comunidades. Outrossim, apesar de nos últimos quatro anos, a área apresentar uma vasta literatura nas áreas da Biblioteconomia e da Ciência da Informação (CI), os assuntos referentes a informação étnico-racial e comunidades étnico-raciais precisam ser mais exploradas diante de outras abordagens.

Logo, entende-se que por meio da pesquisa em comunidade, poderá ampliar seu escopo de conhecimento e acessar, compilar e organizar registros informacionais, que são, sobretudo, importantes fontes de informação e memória. O trabalho, além de beneficiar especificamente os profissionais e pesquisadores voltados aos estudos que englobam o trabalho informacional em diferentes cenários, como na educação e formação do bibliotecário, beneficia sobretudo a população com ascendência étnicas-raciais da sociedade brasileira.

Acreditamos que o uso estratégico da informação por meio do levante dos registros informacionais, pelas fontes de informação e pela memória, além de beneficiar os profissionais e pesquisadores voltados aos estudos informacionais em diferentes cenários, é também uma contribuição a educação, a formação do profissional bibliotecário e um retorno a própria à sociedade que passa a conhecer melhor sua diversidade histórica e cultural, além de possibilitar que outras pessoas advindas desses lugares sejam estimuladas a continuar desenvolvendo e valorizando suas próprias narrativas.

Diante disto, para esta comunicação socializara-a alguns dados que já foram reunidos na pesquisa. Por se trata da apresentação parcial de parte da pesquisa, para o este trabalho nosso limite são os registros coletados através das narrativas dos moradores do Terreirão, sobre suas memórias e histórias a respeito do lugar e da Casa de Farinha local. Nesse sentido, iniciamos a seção seguinte com a discussão do referencial teórico baseado na perspectiva afrocêntrica.

## **2 AFROCENTRAMENTO, ORALITURAS, ESCRIVIVÊNCIAS E A INFORMAÇÃO ÉTNICO-RACIAL**

Afrocentricidade é um conceito desenvolvido pelo professor Molefi Kete Asante (ASANTE, 2009). A perspectiva afrocêntrica tem como principais proposições refletir a teoria do conhecimento em relação as contribuições dos povos de África em diáspora pelo mundo. Nascimento (2009, p. 30) explica que,

A principal indagação da afrocentricidade é se os padrões constituídos pelo Ocidente constituem crenças ou conhecimento a respeito de povos e culturas africanos e diaspóricos, de sua filosofia e experiência de vida. A crítica afrocentrada verifica que, em grande parte, o ocidente postula como conhecimento um conjunto de crenças que sofrem distorções oriundas do

eurocentrismo ocidental. O pensamento afrocêntrico investiga e propõe novas formas de articular o estudo, a pesquisa e o conhecimento nesse campo.

Pensar o objeto informação, a partir da perspectiva afrocêntrica, perpassa pela reflexão de como o conceito informação foi delineado na área, bem como refletir a respeito dos discursos forjados dentro da área da CI, sobretudo quando este se refere as contribuições da diversidade étnica no Brasil. O que aconteceria caso indagássemos dentro da área da CI, sobre as contribuições dos povos afro-indígenas na área? Encontraríamos referenciais ou reflexões pertinentes que reflitam a tais experiências desses povos?

Construir esta base no Brasil, tem sido feito de forma lenta, porém gradual. A respeito da possibilidade e necessidade de refletir a área sobre estas questões, inúmeros trabalhos têm sido publicados na área de 2018 até o momento, no catálogo do Selo Nyota (<https://www.nyota.com.br/>). No entanto, a professora Miriam Aquino já fazia este trabalho desde a década de 1980, bem como outros nomes que ainda precisam ser revelados.

Em 2012, os autores Oliveira e Aquino desenvolveram o conceito informação étnico-racial. O conceito fundamenta-se em entender a informação que é produzida no segmento das relações étnico-raciais. No entanto, os autores enfatizam que analisar esse tipo de informação, abarca o somatório do conjunto de possibilidades informacionais, não se tratando, entretanto, de uma única informação.

Nesse sentido, conforme ressaltam os autores, o conceito étnico-racial é usado na perspectiva de delimitar toda e qualquer informação acerca das questões étnico-raciais, independentemente do tempo, espaço e suporte. Reunir as informações a respeito dos grupos étnicos, bem como disseminá-los e democratizar o acesso e uso da informação sobre os diversos grupos étnicos, especificamente os sujeitos afrodescendentes, é sobretudo possibilitar o acesso a direitos.

Buscar compreender a informação na perspectiva étnico-racial remete-nos a uma imersão por referenciais que possibilite-nos refletir a respeito da temática. Logo, encontramos em Martins (2003, 2007) aproximações teóricas para tal empreitada. Ao explicar sobre os processos de desumanização que passou e ainda passa a população negra no Brasil, a autora destaca que esse mesmo corpo é, sobretudo, informação. Como forma de resistência e sobrevivência, a vida, foi através do corpo que foram criadas muitas outras formas de comunicar e informar.

As informações puderam e podem ser acessadas e transmitidas por cantos, danças, palavras, provérbios, comidas, instrumentos e técnicas de trabalho, ou simplesmente no que não é dito, verbalizado, ou seja, o silêncio, o gesto; mas que pode ser entendido, sentido, interpretado, traduzido pelos sujeitos. Logo, Martins (2007) explica que as oralituras são códigos, ou seja, são inscrições, formas de linguagens distintas e sobretudo informação. As oralituras são o somatório das informações étnicas explicadas por Aquino e Oliveira (2012).

Coadunando com Martins (2007), Gomes (2019b, p. 82), em “Um corpo que fala: o protagonismo das Mulheres Negras na Capoeira Angola”, explica que “cultivar e multiplicar a cultura nas suas inúmeras manifestações é um ato de resistência em um contexto social e histórico de sistemáticas tentativas de apagamento [...]”. No entanto, a autora destaca que compreender a presença dos corpos negros e femininos em rodas de capoeira angola, é sobretudo a possibilidade de comunicar, bem como de dar continuidade aos valores da cultura africana, que narram histórias e ressignificam as identidades negras dilaceradas pelo racismo.

Já o conceito da escrevivência emerge do discurso “Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face”, apresentado na conferência na UFBA, no ano de 2003, pela pesquisadora e escritora Conceição Evaristo. O empreendimento da escritora traz a reflexão acerca das memórias e experiências de vida das mulheres negras na escrita de autoria negra.

Essa forma de escre(viver) sinaliza para outras mulheres sobre o quanto o corpo feminino carregam em si memórias, informações e experiências de vida. Para Evaristo (2020), as mulheres negras carregam em si uma grande responsabilidade em comunidade, pois são elas as guardiãs e mantenedoras das resistências ancestrais nas vivências das práticas cotidianas dos corpos negros. Evaristo (2020, p. 221) destaca que:

[...] é preciso observar que a família representou para a mulher negra uma das maiores formas de resistência e de sobrevivência. Como heroínas do cotidiano desenvolvem suas batalhas longe de qualquer clamor de glórias. Mães reais e/ou simbólicas, como as das Casas de Axé, foram e são elas, muitas vezes sozinhas, as grandes responsáveis não só pela subsistência do grupo, assim como pela manutenção da memória cultural no interior do mesmo.

Outrossim, em “Escrevivências na Biblioteconomia: afrocentrar para existir”, Gomes (2019a) discorre sobre a necessidade de compreender suas experiências vividas enquanto

sujeita, mulher negra dentro e fora da Universidade, bem como a reflexão sobre uma escrita que dê sentido a tais experiências ressignificando-as ao universo acadêmico e a área da CI.

Na tentativa de transgredir o que se prega como uma escrita acadêmica distanciada do “objeto” de pesquisa, venho desde a especialização e do mestrado buscando caminhos para uma produção científica que faça sentido. Ou seja, que possa refletir a minha trajetória negra e também de outras mulheres negras, em forma e conteúdo, trazendo para a superfície do discurso, vivências particulares, mas também sociais e coletivas (GOMES, 2019a, p. 41).

Para a autora, “[...] a universidade e suas referências eurocêntricas, por meio de uma violência epistêmica, contribuem para a continuidade do silenciamento da contribuição dos povos africanos para a produção da ciência” (GOMES, 2019a, p. 50). Outrossim, ela enfatiza que “Por maiores que sejam os esforços de apagamento do legado africano, nossa memória insiste em lembrar, e nas práticas cotidianas estão presentes os ensinamentos de nossas ancestrais” (GOMES, 2019a, p. 47).

Nesse sentido, verifica-se que a informação faz parte de repertórios que se materializam em memórias, verdadeiros *hard drive* (HDs), no caso as pessoas que são verdadeiras bibliotecas vivas.

### 3 REPERTÓRIOS, MEMÓRIAS E BIBLIOTECAS VIVAS

No livro “O Arquivo e o repertório” da escritora Diana Taylor (2013), a autora traz os registros e as observações das práticas cotidianas das culturas de povos indígenas, como a grande civilização Maia, dita historicamente pelas autoridades públicas governamentais, bem como pela epistemologia acadêmica anglo-eurocêntrica, como “extintas”. No entanto, conforme registra e explica Taylor (2013), elas são pulsantes e estão materializadas nos murais e nas manifestações culturais e comportamentais na contemporaneidade do México.

Essas vivências transmitidas de geração a geração e que por sua vez possibilitam a continuidade de diversos povos, foram também registradas no trabalho de Amorim (2019) intitulado “Documentos dialógicos, territórios dialéticos: um estudo sobre murais e seu papel na guerrilha simbólico-material do Movimento Zapatista de Libertação Nacional”.

Nesse sentido, Hampâté Bâ (2010) ao registrar a cultura de seu povo e o modo de pensar, transmitir e materializar a informação no capítulo “A tradição viva”, informa que faz

parte do comportamento do homem africano os princípios filosóficos que envolve um entendimento sistêmico das coisas, não os separando da vida cotidiana, muito menos da comunidade. “Ela envolve uma [...] presença particular no mundo – [...] um Todo onde todas as coisas se religam e interagem” (HAMPÂTÉ BÂ, 2010, p. 170). Esses saberes são continuidade aqui no Brasil, conforme apontaremos mais adiante na seção cinco.

Essa forma epistêmica de articular o pensamento coadunam com o que Jecupé (2020), nomeia por ancestralidade, que é equivalente a “filosofia indígena”, pois ela é a base de todo pensamento dos diversos povos indígenas no Brasil. Diz Jecupé (2020) que, “Ancestrais são também conhecidos como trovões criadores, anciões arco-íris ou pássaros guerreiros; as nomeações variam de povo para povo e dependem dos ciclos imemoriais em que se erguem.” (JECUPÉ, 2020, p. 33).

Outrossim, a memória é problematizada por Pollak (1989), como lembranças subterrâneas, ou seja, aquelas memórias que costumam ficar silenciadas por algum tempo, porém aguardando o momento adequado para reivindicar o seu reconhecimento. Isto acontece quando por algum motivo político ou ideológico, estas memórias não podem ser acionadas. Nota-se que os processos históricos e ideológicos no Brasil, produziu e ainda produz esquecimentos e apagamentos, no entanto de alguma forma elas continuam a coexistir e em algum momento retornam confrontando a narrativa histórica oficial.

Para Nora (1993), estes materiais estão nos lugares de memória, que são desde edificações e documentos nos mais diversos tipos de suportes, como também são as narrativas orais e o próprio cotidiano da vida das pessoas. Nesse sentido, Franca (2019) pondera que estas informações são armazenadas nas memórias das pessoas e atividades, sendo expresso nas músicas, provérbios, danças tradicionais, valores culturais, linguagem, equipamentos, práticas agrícolas, e outros costumes.

Voltando a Hampâté Bâ (2010), a herança ancestral deixada como legado da humanidade está e é preservada pelas bibliotecas e arquivos vivos que são as pessoas. Apesar de se valorizar a escrita como meio mais eficaz para a preservação e a disseminação da informação, ela não é nem nunca foi a única forma a existir e ser elevada como tal. O autor demonstra e prova que existem comunidades que se organizam e materializam a informação por meio da oralidade expressa em provérbios, cantos, músicas e danças.



Pensar a CI por esse viés, significa não só copilar as informações espalhadas entre os lugares de memória, como também materializá-las e legitimá-las em narrativas e epistemologias outras, coexistentes a um modelo político e ideológico anglo-eurocêntrico excludentes. Estas narrativas perpassam sobretudo, pela escolha de referências que dialoguem com estas outras formas de produzir ciências e discursos.

Vale ressaltar que, ainda que a colonialidade do poder (BALLESTRIN, 2013; QUIJANO, 2005), se faça presente em toda estrutura social, inclusive em comunidades, agindo na reprodução dos racismos ambiental, econômico, linguístico, cultural, científico, estrutural e institucional (ALMEIDA, 2020; KILOMBA, 2019), e tente a todo custo criar um discurso único sob fabulações (ADICHIE, 2019; SANTOS, 2015), desconsiderando ou inferiorizando as narrativas dos diferentes povos, as comunidades resistem e existem nas suas tradições, que são sobretudo formas de materializar, acessar e disseminar a informação.

Nesse sentido, trazemos a ideia da *Sankofa*: Voltar e pegar. “Trata-se de uma palavra-provêrbio acompanhada de um desenho-símbolo em formato circular, uma forma de oralidade escrita ou de escrita oralizada” (DRAVET; OLIVEIRA, 2017, p. 14). Voltar e reler a história, acessar memórias, transgredir aos discursos hegemônicos, construir novos conhecimentos através de narrativas diversas, afinal o Brasil é diverso. Na próxima seção apresentamos a metodologia deste trabalho.

#### **4 REUNINDO FRAGMENTOS DE MEMÓRIAS, TRAÇANDO O CAMINHO METODOLÓGICO**

O trabalho consiste em reunir fragmentos de memórias, entendendo que é uma das funções do bibliotecário compilar e organizar a informação para a disseminação. O trabalho, portanto, não é a reconstrução do passado do Povoado Terreirão, mas sim uma compilação, registro e organização da informação para o povoado e para a sociedade. Para tanto, este trabalho se baseia em uma metodologia com múltiplos métodos, pois a pesquisa em questão necessita de um aporte teórico que reflita a realidade tal como ela é posta, mas sobretudo de maneira crítica.

Logo, a natureza da pesquisa é aplicada com abordagem qualitativa-descritiva. Utiliza-se como método de abordagem a etnometodologia, pois é um trabalho que “trata-se, pois, de uma tentativa de analisar os procedimentos que os indivíduos utilizam para levar a termo

as diferentes operações que realizam em sua vida cotidiana, tais como comunicar-se, tomar decisões e raciocinar” (GIL, 2019, p. 22). Além disso, este estudo tem característica de pesquisa exploratória.

Segundo Gil (2019), a pesquisa exploratória é desenvolvida com o objetivo de proporcionar visão geral, com aproximação de determinado fato. “Este tipo de pesquisa é realizada especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil formular hipóteses precisas e operacionalizáveis sobre ele” (GIL, 2019, p. 26).

As técnicas adotadas para a pesquisa em questão foram: entrevista semiestruturada; observação direta e participante; diário de campo; revisão de literatura e análise documental. Para compor a história do Terreirão, visto que este trabalho é pioneiro, na tentativa de sistematizar a escrita sobre as narrativas do lugar, seguiu-se a trajetória deste povoado<sup>1</sup>, baseada nas entrevistas, nas interpretações dos documentos coletados em fontes de informação diversas e também na revisão de literatura de estudiosos das áreas da história, geografia, letras e antropologia.

Por se tratar de uma investigação que necessita da experiência cotidiana para compreensão dos sentidos e valores constituídos pelos moradores do povoado do Terreirão, materializado na informação que se manifesta, dentre muitas formas, pela edificação da Casa de Farinha, utiliza-se como métodos de procedimento o estudo de caso, de natureza qualitativa. Segundo Gil (2019), esse método possibilita explorar situações da vida cotidiana, descrever a situação do contexto do fenômeno estudado, além de preservar seu caráter unitário.

O estudo de caso é um estudo profundo e exaustivo de um fenômeno. Para Gil (2019, p. 63), “[...] requer-se a utilização de múltiplas fontes de evidência, ou seja, de procedimentos diversos para a obtenção dos dados, tais como: análise de documentos, observação e entrevistas.” Desse modo, a presente pesquisa está ancorada nos seguintes procedimentos:

1. Revisão de Literatura: a busca por referenciais teóricos foram feitas nos sistemas de bibliotecas da UFBA, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Universidade

---

<sup>1</sup> Adotamos a terminologia povoado porque é a maneira que o grupo se auto identifica.

Estadual de Santa Cruz (UESC) e Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), além das bases de dados Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), Portal de Periódicos da CAPES, Repositório Institucional da UFBA (RI UFBA), Repositório Institucional Saber Aberto (RI UNEB), Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local (UNEB, Campus V). Assim, a estratégia de busca adotada baseou-se nas palavras-chave, tais quais: escravidão, Recôncavo baiano, Jaguaripe, Nazaré das Farinhas, São Felipe, Muniz Ferreira, farinha, aldeamento indígena, índios, Santo Antônio de Jesus e Aratuípe.

2. Levantamento de dados secundários: utilizou-se dos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Povos Indígenas do Brasil (PIB) e Instituto Socioambiental (ISA) para a coleta e análise dos dados sobre as populações indígenas no Brasil. Também utilizou-se dados do IBGE e Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI) para descrição, análise e compreensão do perfil socioeconômico do município de Muniz Ferreira.

3. Construção da base cartográfica: fez-se necessária a utilização dos mapas enquanto ilustração da formação do Território de Identidade do Recôncavo até chegar à territorialidade do Terreirão. Para essa empreitada, utilizou-se mapas da Biblioteca Nacional, do IBGE, da SEI e da Projeto de Apoio à Produção Agrícola e demais Produtividade e Potencialidade do Município de Muniz Ferreira (PROFEMF); construiu-se com orientação do geógrafo Ecirio Oliveira uma base cartográfica, através do software livre QGIS 3.10; bem como foram elaborados mapas baseados na fonte de informação do software livre *Google Earth Pro*.

4. Observação direta e participativa: através das visitas *in loco* foram feitos registros fotográficos e escritos (diário de campo) sobre o cotidiano do povoado. Observaram-se as mudanças ocorridas no povoado, através da modernização das casas (de adobe a alvenaria), a confluência entre animais e veículos para o transporte de pessoas e de gêneros alimentícios; a utilização de tecnologias digitais, como internet, TV por assinatura e telefones celulares.

5. Aplicação das entrevistas: criou-se o roteiro com perguntas, fez-se o pré-teste com algumas pessoas do povoado. Para cumprir com os objetivos propostos, o roteiro foi elaborado com perguntas divididas em três grupos temáticos: Conhecimento sobre o Terreirão, Muniz

Ferreira, BA; Casa de Farinha; e Informação e memória. Criou-se também as fichas com informações pessoais dos informantes e o termo de consentimento. Na aplicação das entrevistas, utilizou-se todos os protocolos de segurança orientados pela Organização Mundial de Saúde (OMS), respeitando a quarentena entre os dias antecedentes às viagens. As entrevistas foram realizadas no ano de 2020. Cumriu-se a quarentena pelo período de vinte e um dias até ter contato com o povoado. Respeitou-se o distanciamento social durante as entrevistas, bem como a utilização de máscaras e álcool em gel 70%. As entrevistas aconteceram em lugares arejados e com ventilação natural.

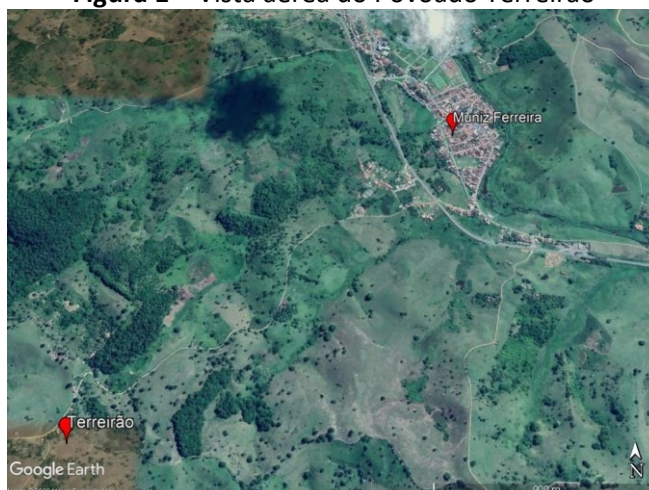
Adotou-se como procedimentos técnicos as pesquisas bibliográfica e documental. Vale salientar, que a pesquisa está ainda em desenvolvimento. Desta maneira, para este trabalho serão apresentados, brevemente, parte das narrativas que abordam as memórias do povoado sobre o lugar e sobre a Casa de farinha, bem como o que conseguimos compilar das fontes bibliográficas.

## **5 RESULTADOS**

Como resultado de pesquisa apresentamos a coleta, a compilação e a organização das informações obtidas através dos relatos dos moradores e das fontes bibliográficas como artigos, Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) e dissertações referentes à temática.

### **5.1 O POVOADO TERREIRÃO**

O Povoado Terreirão está localizado a quase três quilômetros da cidade de Muniz Ferreira, conforme ilustramos na Figura 1. O lugar é constituído por meio da luta coletiva pelo direito a terra e a vida. A narrativa dos moradores, informam que o povoado surge da Fazenda Mocujó, propriedade de Adalardo Carvalho Lisboa Nogueira, no início do século XX.

**Figura 1** – Vista aérea do Povoado Terreirão

Fonte: Google Earth (2021).

A fazenda foi resultado do desmembramento da Fazenda Paracoara. Conforme dito por Lima (2006) e Jesus (2010), Adalardo Nogueira havia comprado as terras de Proscópio (ainda é um nome recorrente na memória dos entrevistados) em 1912, que por sua vez adquiriu do herdeiro da Fazenda Paracoara, Estevam Leony Tinta em 1907. No entanto, pode-se observar nos anais do Arquivo Público da Bahia (APEB), que até a segunda metade do século XIX, os povos indígenas<sup>2</sup> (de aldeamentos<sup>3</sup> ou aldeias) ocupavam também esses territórios, e estavam presentes entre fazendas sendo algumas aldeias, ainda que superficialmente, citadas nos documentos.

Conforme conta o Sr. Anísio, um dos anciões do lugar, o nome Terreirão surgiu após seu tio Cilú abrir um terreiro grande por volta das décadas de 1950/1960 para as constantes “festas de tempo”, que aconteciam no povoado e também para a instalação de uma venda. O Terreirão durante um período foi rota comercial, por onde transitavam pessoas de muitos lugares, levando e trazendo mercadorias para Nazaré das Farinhas.

O Povoado Terreirão é citado pela primeira vez na entrevista de Santos (2009) com o S. Moreira a respeito dos fogos de artifício produzidos no município de Muniz Ferreira entre

<sup>2</sup> Há uma diferença entre indígenas em aldeamentos e aldeia. Os indígenas em aldeamento eram forçados a estar sob a tutela da igreja católica e depois pelo Estado. Já os indígenas em aldeias tinham suas formas próprias, viviam livremente sua cultura, no entanto eram alvos de constantes guerras para alimentar o sistema escravocrata colonial e imperial.

<sup>3</sup> Na área estudada, havia no entorno, no século XIX, ao menos três aldeamentos (Jequiriça e Aldeia do Salitre, onde é atualmente a cidade de Santo Antônio de Jesus e Santana d’Aldeia, onde é atualmente a cidade de Aratuípe). Essas informações foram extraídas de Freire (1998), Cunha (1998), Paraíso (2011), Rego (2014) e Siering (2008).

as décadas de 1950-1970, quando é lembrado pelo narrador e registrado pela pesquisadora as experiências dele com o lugar. Conta-nos Santos (2009, p. 147) que, “Nesse tempo, era possível arranjar folgas onde trabalhavam e atravessar dias na zona rural, como, saudoso, relembra S. Moreira, durante suas idas de Muniz Ferreira para o ‘Terreirão’ e o ‘Cocão’ em companhia dos amigos ‘Caiau’ e ‘Antonio Bom’.

No entanto, apesar do Povoado Terreirão, historicamente existir desde a década de 1950, o lugar se emancipou em 1982, quando o então proprietário da Fazenda, Sr. José Abelardo “doou” o local das casas onde moram até a atualidade algumas famílias. Na verdade, o que se nomeou por doação, nada mais foi do que indenização trabalhista aos trabalhadores, pelos serviços prestados na Fazenda Mocujó. Outras famílias conquistaram a terra por meio da compra.

## 5.2 A CASA DE FARINHA

A mandioca é historicamente a base alimentar da população do Recôncavo Baiano. Inúmeros estudos foram desenvolvidos por Ribeiro (1982), Aguiar (1982), e Santos (2018). Quem visita Salvador ou qualquer outra localidade do Recôncavo, sabe que não se come sem farinha ou farofa. Compreender de onde vem essa tradição é retornar aos primeiros registros sobre a mandioca.

Pinto de Aguiar compilou em 1982 em sua tese, que virou livro, “Mandioca: o pão do Brasil”, informações e fontes a respeito das leis e documentos onde foram registrados o conhecimento sobre a mandioca. Mas compreender como a mandioca surge, remete a tempo anterior ao Brasil Colonial. A lenda de *maniho’k*<sup>4</sup>, como é contada pelo povo Sateré Mawé, é o registro da memória de um povo e sobretudo, são informações sobre acontecimentos que marcaram a experiência desse povo. Yamã (2007), traz uma dessas narrativas na obra “*Sehaypóri: o livro sagrado do povo Saterê-Mawé*”.

Conta a lenda *Awyató-Pót ikohá Maniho’k as’awy etiát sehay* – A morte de *Awotó- Pót* e a origem da mandioca que, o conhecimento sobre a mandioca surgiu para o povo Sateré Mawé, após a morte de *Awotó-Pót*, pai de *Ywerói*. *Awotó-Pót* era uma liderança na aldeia.

---

<sup>4</sup> Palavra na língua Tupi do povo Saterê-Mawé e significa mandioca. Outras informações na obra: *Sehaypóri: o livro sagrado do povo Saterê-Mawé* do escritor indígena Yaguarê Yamã.

Após sua morte executada por seu genro, Ywerói, filha de *Awotó-Pót* engravidou e ao tomar conhecimento que seu marido matou seu pai, ela foi morar com o irmão de seu marido.

Ao tomar conhecimento que seu pai havia se transformado em jacaré, Ywerói diz ao marido que vai visitá-lo, no entanto é aconselhada pelo marido a tomar cuidado com os tios. Ywerói não escuta o conselho do marido e vai visitar os tios, que a matam pelo feitiço dos olhos. O corpo de Ywerói e do filho se transformam em mandioca e tapioca. Assim, é lembrada o surgimento da mandioca nas narrativas do povo Sateré-Mawé.

Mas o que tem de salutar nesta lenda? A lenda é a informação registrada por esse povo. Embora criada e recriada, movimento próprio da cultura, ela informa acontecimentos, cosmovisões, ciência e epistemologia de um determinado povo, que a faz diferente da cultura Ocidental. Assim, a informação se materializa nas oralituras, que são sobretudo, lendas, mitos, danças, cantos e rituais, alimentos.

No entanto, a mandioca é, além de uma planta que alimenta corpos, histórias, costumes, tradições e memórias; é também informação sobre acontecimentos, cosmovisões, modo de vida, a respeito e sobre as ciências e epistemologias produzidas milenarmente pelos 305<sup>5</sup> povos indígenas no Brasil e mais inúmeros povos negros em diáspora por todo território brasileiro.

O modelo arquitetônico da Casa de Farinha, tal qual se conhece no Recôncavo baiano, é uma adaptação do modelo de engenho (SANTOS, 2013). No entanto, tal tecnologia foi aperfeiçoada pelos mestres e ofícios vindos d'África, mesclando saberes indígenas e africanos. A Casa de Farinha é um lugar que revela através das narrativas orais e do fazer, um importante legado desses povos para a sociedade Muniz Ferreirense e baiana.

Os moradores do Povoado Terreirão contam, que o saber fazer a farinha vem de seus antepassados e esta informação é transmitida de geração a geração. As memórias sobre as lembranças e as experiências vividas, materializam-se nas narrativas que informam desde as opressões, relacionadas a exploração do trabalho, relatadas com longas jornadas de trabalho, cerceamento dos direitos trabalhistas, pagamento de valores irrisórios pelo árduo trabalho, que era executado por crianças e adultos, do amanhecer a altas horas da noite; as lutas travadas pela existência da vida, as memórias sobre um saber milenar, contribuição dos inúmeros povos indígenas que habitaram e habitam todo o território brasileiro.

---

<sup>5</sup> Dados do Instituto Socioambiental (ISA) e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Nota-se através das informações coletadas sobre a Casa de Farinha, que há uma trajetória de luta e tomada gradual de consciência sobre os direitos previstos na Constituição Federal de 1988 e um gradativo protagonismo dos sujeitos negros com ascendência indígena no lugar. Ao retomar o conceito de *oralituras* de Martins (2007), uma vez que coaduna com o que se entende por informação étnico-racial em Oliveira e Aquino (2012), observar-se, que na Casa de Farinha do Povoado Terreirão, a informação é um conjunto de possibilidades informacionais, que se materializam em diversos instrumentos e suportes sejam elas técnicas (Figura 2, letra A), artefatos (Figura 2, letra C e Figura 3, letra F), produtos (Figura 2, letra B, D e Figura 3, letra F), corpos, fotografias, vídeos ou escritas, não se tratando entretanto de uma única informação.

São através dessas oralituras que são acessadas e disseminadas as informações em processos contínuo de produção ou atualização de novos conhecimentos neste lugar. Ao mesmo tempo, dessa forma, os saberes milenares são preservados, bem como toda a tecnologia de produzir não só a farinha, mas seus instrumentos e produtos. Acessar a informação produzida por comunidades afro-indígenas requer outras leituras para que tais informações possam ser bem representadas dentro dos sistemas de informação, que certamente terá um público-alvo interessado em acessá-las, desta vez no registro escrito, ou em audiovisual.

**Figura 2 – Casa de Farinha do Povoado Terreirão**



Fonte: Dados da pesquisa.

Logo, a Figura 2 representa a informação produzida na Casa de Farinha, que é sentida, experimentada, acessada pelas pessoas e materializada em produtos que remetem a cultura indígena. A raspagem da mandioca na Figura 2 (A), que acontece dentro da Casa de Farinha,



ou seja dentro da casa de Mani remete a memória de inúmeras lendas para uns povos e mitos para outros povos sobre a mandioca. Os grafismos nos beijús expressos na Figura 2 (B e D) também são exemplos do registro dessas memórias, mesmo que atualmente não sejam atribuídas significados. Os artefatos para produção dos alimentos, a exemplo das vasilhas redondas de barro, que os portugueses (re)nomearam de alguidá representada na Figura 3 (F) e do tipiti, Figura 3 (E) (antes feito com fibras de vegetais, agora adaptado a realidade do século XXI, com um motor de uma moto movida a gasolina).

**Figura 3** – Interior da Casa de Farinha



Fonte: Dados da pesquisa.

Além disso, a própria edificação da Casa de Farinha do Terreirão, traz em sua estrutura física todo um conhecimento sobre técnicas e materiais, a exemplo do adobe (espécie de tijolos de barro) e as madeiras utilizadas para o alicerce do telhado, bem como para a prensa de jaqueira; cochós, caixa de madeira para colocar a farinha peneirada, Figura 3 (E); tamboretas (tipo de banco para sentar) e rodos, como se observa na Figura 3 (F).

Outrossim, a lição que podemos aprender com a comunidade do Terreirão é que as memórias que são criadas neste lugar, e as informações que são geradas pelas lembranças, possibilitam narrativas que fortalecem tanto a identidade local, quanto as identidades de corpos em diáspora (HALL, 2013). Para exemplificar, vale-se da experiência de Eunice Pita de Oliveira (Nice Pitta, como a autora se identifica, Figura 4), estudante do curso de Arquitetura e Urbanismo na UFBA, que ao ouvir sobre a história da Casa de Farinha do Povoado Terreirão desta pesquisa em andamento, foi conhecer e experimentar vivências até então desconhecidas.

Pita, uma jovem mulher da cidade de Salvador, Bahia, não imaginava que conhecer o Povoado Terreirão e a Casa de Farinha do local pudesse lhe trazer conexões tão profundas. Isso só foi possível, por Pitta ao longo de sua vida ter vivido experiências próximas do que a

fazia se sentir pertencente a cultura local do Terreirão. É o que compreendemos por informação étnico-racial.

**Figura 4** – Experiência de Nice Pitta na Casa de Farinha



Fonte: Dados da pesquisa.

Ao conhecer e viver a experiência da Casa de Farinha com todo o seu conjunto de possibilidades e elementos informacionais, resultou no afloramento de Pita e a descoberta por um tema de pesquisa que lhe produzia sentidos pessoais e acadêmicos. Assim, emergiu o Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado “Aluniar: caminhos possíveis no acendimento, a partir das ancestralidades” (OLIVEIRA, 2021). O trabalho consiste em apresentar as percepções de Pita sob o olhar da arquitetura, mas sobretudo traz uma reflexão sobre os atravessamentos que lhe a forjaram como uma jovem mulher negra em territórios diferentes, mas com experiências aproximadas que lhe reconecta a vida, as redes de afeto, a cultura e a profissão.

Compreender essas formas de representar a informação dialogam com o que Elisângela Gomes nomeou de “Escrevivências na Biblioteconomia”. Ela considera que:

Se o nosso letramento é constituído também pelo corpo, por ele acionamos os valores civilizatórios africanos que nos auxiliam a construir novos caminhos. Ao humanizarmos nossa existência temos o potencial de humanizar e valorizar a trajetória de discentes e também do público que frequenta as unidades de informação. Isso implica em considerar que as questões raciais precisam ser consideradas para que haja o questionamento das práticas de organização da informação e do conhecimento e o impacto disso na mediação (GOMES, 2019a, p. 62).

O letramento para muitos corpos perpassa antes da escrita, pelo corpo e pelas trocas comunitárias em lugares que são sobretudo a continuidade de diferentes povos e culturas. Compreender ou ao menos refletir sobre tais questões abre possibilidades de pensar em outras formas de representar e disseminar bem a informação, além de possibilitar o acesso a quem possa interessar. No entanto, como o fazer? Conhecer é um passo significativo para mudança de paradigma na área, que respeite a diversidade cultural e reflitam em práticas e ações antirracistas.

## **6 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS**

A pesquisa buscou discutir questões sobre a informação, sobretudo a informação étnico-racial e a memória no contexto específico e empírico da Casa de Farinha do Povoado Terreirão, a partir da perspectiva da Ciência da Informação, área dos estudos sobre informação na sociedade.

Acessar a informação pelos meios criados pelo Povoado Terreirão nos faz refletir sobre o objeto informação, não sendo esse, algo a serviço apenas da indústria ou do mercado, como costumeiramente tem sido propagado na área, mas sim a pessoas e vidas que se constituem e buscam sentidos para suas próprias existências. No entanto, se faz necessário ainda a tomada de consciência dentro da área, sobretudo pela insistência em rotular a informação como algo mensurável no suporte da escrita.

As comunidades étnicas têm demonstrado como milenarmente conseguem manter viva as suas tradições e transmiti-las e perpetuá-las por gerações. Elas ainda as preservam, mesmo que as reinventem. E essas informações são guardadas em bibliotecas e arquivos vivos que são as pessoas.

A lição que podemos aprender com a comunidade do Povoado Terreirão é que, ainda que a colonialidade do poder se faça presente em toda estrutura social, onde ainda existe a reprodução do racismo, que perpassa pelo discurso único sob o modelo das fabulações, quando desconsidera ou inferioriza as narrativas dos diferentes povos, as comunidades resistem e existem nas suas tradições, que são sobretudo formas de materializar, acessar e disseminar a informação.

Como estas informações podem ser acessíveis e visíveis em bibliotecas e em sistemas de informação? Conhecer a diversidade histórica e cultural dos povos no Brasil, deve ser o primeiro passo. Assim, devemos retornar ao passado, escavá-lo, ouvir as bibliotecas vivas itinerantes por tantos territórios, bem como referenciar autoras e autores dentro da área que já iniciaram este trabalho. Voltar e pegar, como ensina a *Sankofa*, transgredir as formas hegemônicas de produzir conhecimento a respeito do que seja de fato informação a serviços de toda a diversidade étnica, e não apenas de um grupo seletivo branco hegemônico.

### Agradecimentos

Agradecemos ao Povoado Terreirão pelo acolhimento e partilha das informações que compõem este trabalho.

### REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

AGUIAR, Pinto de. **Mandioca**: o pão do Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982. (Série Retratos do Brasil, v. 166).

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2020.

AMORIM, Bianca Rihan Pinheiro. **Documentos dialógicos, territórios dialéticos**: um estudo sobre murais e seu papel na guerrilha simbólico-material do Movimento Zapatista de Libertação Nacional. 2019. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://ridi.ibict.br/handle/123456789/1029>. Acesso em: 2 abr. 2022.

ASANTE, Molefi Keti. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 93-110. Disponível em: <https://afrocentricidade.files.wordpress.com/2016/04/afrocentricidade-uma-abordagem-epistemologica-inovadora-sankofa-4.pdf>. Acesso em: 7 jan. 2022.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, v. 11, p. 89-117, maio/ago. 2013. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/DxkN3kQ3XdYYPbwwXH55jhv/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 nov. 2019.

CUNHA, Manoela Carneiro da. Política indigenista no século XIX. *In*: CUNHA, Manoela Carneiro da (org.). **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura, 1998. p. 133-154.

DRAVET, Florence Marie; OLIVEIRA, Alan Santos de. Relações entre oralidade e escrita na comunicação: Sankofa, um provérbio africano. **Miscelânea**, Assis, v. 21, p. 11-30, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://seer.assis.unesp.br/index.php/miscelanea/article/view/8/1>. Acesso em: 25 jan. 2022.

EVARISTO, Conceição. Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face. *In*: SCHNEIDER, Liane; MOREIRA, Nadilza Martins de Barros. **Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora**. 2. ed. João Pessoa: Editora CCTA, 2020. p. 219-229. (Coleção Pós Letras, v. 5). Disponível em: <https://www.ufpb.br/editoraccta/contents/titulos/letras-1/mulheres-no-mundo-etnia-marginalidade-e-diaspora-2a-edicao/vol-05-mulheres-no-mundo-final.pdf>. Acesso em: 24 maio 2022.

FRANCA, Aline da Silva. Narrativas do povo: o conhecimento tradicional registrado sob a autoria indígena coletiva. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL POVOS INDÍGENAS DA AMÉRICA LATINA, 3., 2019, Brasília, DF. **Anais [...]**. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 2019. Disponível em: <http://www.congressopovosindigenas.net/>. Acesso em: 31 out. 2021.

FREIRE, Felisbello. **História Territorial do Brasil**. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 1998.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GOMES, Elisângela. Escrevivências na Biblioteconomia: afrocentrar para existir. *In*: SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da (org.). **Mulheres negras na Biblioteconomia**. Florianópolis: Rocha Gráfica, 2019a. p. 14-65. (Selo Nyota). Disponível em: [https://www.nyota.com.br/\\_files/ugd/c3c80a\\_e3b993f96358444290b6282fada1b634.pdf](https://www.nyota.com.br/_files/ugd/c3c80a_e3b993f96358444290b6282fada1b634.pdf). Acesso: 7 jan. 2022.

GOMES, Elisângela. Um corpo que fala: o protagonismo das mulheres negras na capoeira angola. **Folha de rosto: revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, [Juazeiro do Norte], v. 5, n. esp., p. 81-87, 2019b. Disponível em: <https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderosto/article/view/395>. Acesso em: 7 nov. 2021.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. *In*: KI-ZERBO, Joseph (ed.). **História geral da África, I: metodologia e pré-história da África**. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010. p. 167-212.

Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000190249.locale=en>. Acesso em: 7 jan. 2022.

JECUPÉ, Kaká Werá. **A terra dos mil povos**: história indígena do Brasil contada por um índio. 2. ed. São Paulo: Peirópolis, 2020.

JESUS, Simone Cristina Figueiredo de. **Viver em Muniz Ferreira**: cotidiano e transformações de uma vila no Recôncavo Baiano (1930 – 1960). 2010. Dissertação (Mestrado em História Regional e Local) – Universidade do Estado da Bahia, Santo Antônio de Jesus, 2010.

Disponível em:

[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=194106](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=194106). Acesso em: 10 abr. 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LIMA, Evanice Ramos. **O léxico dos trabalhadores na produção artesanal de fogos em Muniz Ferreira, BA**. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006. Disponível em:

<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/11597>. Acesso em: 7 jan. 2022.

MARTINS, Leda. A fina lâmina da palavra. **O eixo e a roda**, Belo Horizonte, v. 15, p. 55-84, 2007. Disponível em:

[http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o\\_eixo\\_ea\\_roda/article/view/3262](http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/3262). Acesso em: 26 mar. 2022.

MARTINS, Leda. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. **Letras**, Santa Maria, n. 26, p. 63-81, jun. 2003. Disponível em:

<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881/7308>. Acesso em: 20 maio 2020.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. Introdução. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.).

**Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 27-31. Disponível em:

<https://afrocentricidade.files.wordpress.com/2016/04/afrocentricidade-uma-abordagem-epistemologica-inovadora-sankofa-4.pdf>. Acesso em: 7 jan. 2022.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez. 1993. Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 15 maio 2020.

OLIVEIRA, Eunice Pita de. **Alumiar**: caminhos possíveis no acendimento a partir das ancestralidades. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.

OLIVEIRA, Henry Pôncio Cruz de; AQUINO, Mirian de Albuquerque. O conceito de informação etnicorracial na Ciência da Informação. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 466-491, set. 2012. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/96476>. Acesso em: 7 maio 2022.

PARAÍSO, Maria Hilda Baqueiro. Índios, náufragos, moradores, missionários e colonos em Kirimurê no século XVI: embates e negociações. In: CAROSO, Carlos; TAVARES, Fátima; PEREIRA, Cláudio. (org.). **Baía de todos os santos: aspectos humanos**. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 70-101. *E-book*. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/jy7mt/pdf/caroso-9788523211622-05.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2021.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: [http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria\\_esquecimento\\_silencio.pdf](http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf). Acesso em: 10 maio 2020.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: Clacso, 2005. p. 107-130. Disponível em: [http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12\\_Quijano.pdf](http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf). Acesso em: 15 set. 2019.

REGO, André de Almeida. **Trajetórias de vidas rotas: terra, trabalho e identidade indígena na província da Bahia (1822-1862)**. 2014. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/23400>. Acesso em: 24 mar. 2021.

RIBEIRO, Ellen Melo dos Santos. **Abastecimento de farinha da cidade do Salvador, 1850-1870: aspectos históricos**. 1982. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1982. Disponível em: [https://ppgh.ufba.br/sites/ppgh.ufba.br/files/1\\_abastecimento\\_de\\_farinha\\_da\\_cidade\\_do\\_salvador.\\_aspectos\\_historicos.pdf](https://ppgh.ufba.br/sites/ppgh.ufba.br/files/1_abastecimento_de_farinha_da_cidade_do_salvador._aspectos_historicos.pdf). Acesso em: 24 mar. 2021.

SANTOS, Felix Souza. **Crise agrícola no Recôncavo Baiano (1890-1910): município de São Felipe / Bahia**. 2013. Dissertação (Mestrado em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social) – Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2013. Disponível em: <http://ri.ucsal.br:8080/jspui/bitstream/123456730/99/1/Felix-UCSAL2013.pdf>. Acesso em: 7 maio 2022.

SANTOS, Felix Souza. **O pão nosso de cada dia: a farinha de mandioca na cidade da Bahia e sua lavoura no Vale do Copioba no Recôncavo Baiano**. 2018. Tese (Doutorado em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social) - Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2018.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2015.

SANTOS, Rosineide Costa Brito dos. **Tendas da sobrevivência**: trabalho e “arranjos” sócio-culturais trabalhadores de fogos de artifício, Recôncavo Sul, BA, 1950-1970. 2009. Dissertação (Mestrado em História Regional e Local) – Universidade do Estado da Bahia, Santo Antônio de Jesus, BA, 2009. Disponível em: <http://www.ppghis.uneb.br/wp-content/uploads/2019/04/Rosineide-Costa-Brito-dos-Santos.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2022.

SIERING, Friedrich Câmara. **Conquista e dominação dos povos indígenas**: resistência do sertão dos Maracás, (1650-1701). 2008. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal da Bahia, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/11257/1/Dissertacao%20Friedrich%20Sieringseg.pdf>. Acesso em: 7 maio 2022.

TAYLOR, Diana. **O arquivo e o repertório**: performance e memória cultural nas Américas. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

YAMÃ, Yaguarê. Awyató-Pót ikohá Maniho’k as’awy atiát sehay: a morte de Awyató-Pót e a origem da mandioca. *In*: YAMÃ, Yaguarê. **Sehaypóri**: o livro sagrado do povo Saterê-Mawé. São Paulo: Peirópolis, 2007.

#### **Declaração de Contribuição dos Autores**

**Eva Dayane Jesus dos Santos** – Conceptualização – Curadoria dos Dados – Análise Formal – Investigação – Metodologia – Administração do Projeto – Recursos – Supervisão – Validação – Visualização – Escrita (rascunho original) – Escrita (análise e edição).

**Zeny Duarte de Miranda** – Supervisão – Validação – Visualização – Escrita (rascunho original) – Escrita (análise e edição).

#### **Como citar o artigo:**

SANTOS, Eva Dayane Jesus dos; MIRANDA, Zeny Duarte de. A Casa de Farinha do Povoado Terreirão, Muniz Ferreira, Bahia: a informação étnico-racial e a memória em comunidade. **Revista Informação na Sociedade Contemporânea**, Natal, v. 6, p. e27736, 2022. DOI: <https://doi.org/10.21680/2447-0198.2022v6n0ID27736>.